

JORNAL ABAIXO**ASSINADO JPA**

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 17 - Junho de 2021 - Nº 140 · (21) 97143-4821 · Blog: <http://jaajrj.com.br/jaajrj> · facebook.com/jaajrj**Editorial****Por que defendemos o impeachment de Bolsonaro**

Ao atrasar a compra de vacinas, rejeitar o uso de máscaras, condenar as regras de isolamento, tentar a imunidade de rebanho e receitar remédios ineficazes, o presidente Bolsonaro é o responsável pelo alto número de mortos por Covid-19.

Sim, foi no enfrentamento à pandemia que o desprezo de Bolsonaro pela vida ficou evidente, contrariando, com suas atitudes e palavras, o seu papel como a autoridade constitucional, legal e politicamente qualificada para liderar as ações contra o coronavírus. As evidências mostram que não há nenhum outro caso de chefe de governo que tenha cometido tantos erros e de forma tão cruel.

As manifestações de 19 de junho foram expressivas e mantiveram o vigor das forças populares nas ruas na luta pelo impeachment de Bolsonaro e em defesa da democracia.

Presidente Bolsonaro é a expressão brasileira de um grupo de ultra direita que se dedica a dilapidar as instituições democráticas. Contudo, as manifestações 29M e 19J é uma vigorosa demonstração que não haverá espaço para golpismo e essa é uma tarefa que exigirá muito dos progressistas brasileiros.



Junho é o mês do Orgulho LGBTQIA+

Página 5



Debates sobre a revisão do Plano Diretor: sem participação das associações de moradores de Jacarepaguá? Cruzes!



Cultura em Jacarepaguá em ebulição. Páginas 6 e 7

Pescador Vitor em artigo diz como cuida da água que o carioca bebe todos os dias. Página 4

História da Baixada de Jacarepaguá

Entre 1870 e 1920: os carvoeiros do Maciço da Pedra Branca

1947: o show de Pixinguinha e Gonzagão em Jacarepaguá

Página 8

Alimentação e prática de atividades físicas na pandemia



Letícia Ribeiro Leite
Técnica em Nutrição e Dietética
Texto & foto

Desde o início da pandemia, ficou evidente que ocorreu uma alteração do dia a dia das pessoas e o estilo de vida foi se modificando devido a proliferação do vírus.

Essas mudanças impactaram também na alimentação e na prática de atividades físicas, pois o isolamento social contribuiu com um aumento de sintomas de ansiedade e depressão, que podem induzir a pessoa a apresentar fome emocional ou comer de forma compulsiva e assim ter mais chances de desenvolver quadros de sobrepeso e obesidade. Esse isolamento social também dificultou a prática de atividades físicas, devido parques e academias se encontrarem fechados ou atuando com capacidade reduzida.

Em pesquisas realizadas com brasileiros, foi possível observar que ocorreu uma diminuição da prática de atividades físicas e um aumento do sedentarismo, sendo importante ressaltar que esse comportamento sedentário possui efeitos negativos para a saúde, prejudicando o funcionamento do sistema cardiovascular por exemplo.

Outra mudança foi aumento da compra e do consumo de produtos ultraprocessados e altamente calóricos. Esse fator também é prejudicial a saúde, pois se o indivíduo deixa de consumir alimentos in-



natura, ele também deixa de ingerir vitaminas e minerais muito importantes para o funcionamento do seu organismo.

Diante das informações apresentadas, pode-se observar que há uma necessidade de buscar alternativas que possibilitem praticar atividades físicas em casa. E também buscar adquirir alimentos como frutas, verduras e legumes ao fazer as suas compras, pois essa opção irá contribuir com a ingestão de componentes importantes para favorecer o bom funcionamento do seu organismo.

Instagram @leticiatecnutri01

Pesquisa do JAAJ

A equipe do **Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)** deseja aprimorar a experiência de comunicação com os seus leitores e/ou apoiadores, por isso criou um questionário que objetiva conhecer um pouco mais sobre as características do nosso público-alvo, no intuito de construir um jornal mais dinâmico, participativo e atraente. Não precisa se identificar.

Por favor, preencham nosso formulário em:
<https://forms.gle/haXwuJ7c3krnjfKA>

ANUNCIE NO JAAJ

(21) 97246-2213 / 97119-6125
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

EXPEDIENTE



JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
<http://jaajr.com.br/jaajr/> - Tels (21) 97246-2213

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Alexandre Veiga, Alexandrina, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Carlos Motta, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Erick Correia, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Júlio César, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dó-

ria, Roberto Senna, Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Mídia Digital: Carla Scott, João Magalhães, Pedro Ivo e Silvia da Costa.

**Todo material enviado ao E-mail, Blog e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Cozinha da Tia Nelí

Meu Bobó de Camarão

O bobó de camarão teve origem na África e se popularizou no Brasil com algumas adaptações do povo daqui. E fiz a minha adaptação também. Espero que gostem!

Ingredientes

- 1 kg de camarões com casca (usaremos as cascas)
- 1 kg de inhame cozidos e amassados
- 200 ml de leite de coco
- 2 cebolas médias
- 1 pimentão vermelho pequeno
- 1 pimentão amarelo pequeno
- 1 pimentão verde
- 3 tomates
- 2 dentes de alho
- 2 limões
- 20 azeitonas
- 4 folhas de louro
- 1 maço de salsinha
- 1 maço de coentro
- 4 colheres (sopa) azeite
- 4 colheres (sopa) de páprica
- 2 colheres (sopa) açafrão da terra
- Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de Fazer

Lave e ferva as cascas dos camarões em 1 litro de água, 1 folha de louro, 1 tomate, 1/2 pimentão verde, um pouco de coentro, sal e pimenta do reino por 40 minutos assim que começar a ferver. Assim que amornar coe apertando bem para sair o sumo das cascas (é onde fica o sabor).



Tempere os camarões com limão e sal. Faça um saboroso molho com os legumes.

Em um liquidificador coloque um pouco do molho, o leite de coco e vá acrescentando aos poucos o inhame e mais molho até obter um creme.

Em uma panela coloque o molho e deixe ferver. Assim que ferver coloque os camarões e deixe por 3 minutos. Desligue o fogo e tampe. Sirva com arroz branco e farofa de cebola.

Quem quiser ver essa e outras receitas basta acessar <http://cozinhadaneli.blogspot.com/?m=1>



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Escrever correto ajuda seu negócio

Olá, queridos leitores, tudo bem? Vocês já pararam para pensar na importância de divulgar o seu negócio utilizando um bom Português?

Antes mesmo da pandemia, muitos empreendedores começaram a propagar as vendas e as prestações de serviços por meio do digital. Isso significa que a imagem e a escrita passaram a chamar atenção do público usuário das redes sociais.

Por essas razões, é imprescindível cuidar dos textos elaborados para uma boa divulgação do empreendimento com credibilidade e segurança. Ortografia, construção oracional coerente e pontuação são uns dos principais pontos a serem relevados ao redigir um anúncio empresarial.

Observem os textos abaixo:



Os dois possuem desvios graves! Os produtos e as prestações de serviços podem ser impecáveis, mas pense se as propagandas forem escritas com um Português impecável também? Será a venda perfeita! Por isso, atente-se para que os anúncios da sua atividade sejam uma bela porta de entrada ao seu sucesso.

Quer obter excelência na construção dos seus textos? Procure ter contato constante com a leitura e treine sempre a escrita. Além disso, contem sempre comigo para ajudá-los, certo?

Vamos com tudo e até a próxima edição! Acesse às minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook).



Almir Paulo

Entidades, lideranças e moradores de Jacarepaguá estão ausentes dos debates sobre a revisão do Plano Diretor da cidade

*“Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre. O anseio pela liberdade eventualmente se manifesta”
(Martin Luther King Jr.)*

Neste ano, o Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro (Lei Complementar municipal nº 111/2011) completa dez anos e, por força do que dispõe o artigo 40, § 3º, do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), ele deverá ser revisto.

A Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, ignorou a situação de emergência sanitária causada pela pandemia de Covid-19 e deflagrou um processo de discussão precário que restringe a participação dos movimentos sociais estabelecendo um prazo limitado para os debates na cidade. Sem contar a pequena divulgação da importância e do calendário de inscrição para participação no processo de discussão do Plano Diretor.

Resultado: as entidades, lideranças e moradores de Jacarepaguá estão literalmente ausentes dos debates sobre a revisão do Plano Diretor da cidade.

Lamentamos que até mesmo no Fórum Popular do Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, um coletivo de mais de 80 entidades da sociedade civil, de movimentos sociais e academia, que faz o debate sobre o ordenamento do uso do solo, habitação, saneamento, mobilidade, cultura, e alinha as propostas para o novo plano, não tenha nenhuma ONG ou as-

sociação de moradores e Jacarepaguá.

Na Audiência Pública Regional sobre a Revisão do Plano Diretor da AP4 (Área de Planejamento 4 que engloba Barra, Jacarepaguá e Vargens) para a participação dos moradores da região, realizada no dia 17 de junho de 2021, na Cidade das Artes, não teve nenhum representante de entidades de Jacarepaguá.

Aliás, nessa Audiência Pública Regional da AP4, o coletivo do Plano Popular das Vargens foi o mais aguerrido com visão crítica, propostas e diagnóstico sobre a especulação imobiliária e o caos urbano existente na Baixada de Jacarepaguá.

O Plano Diretor precisa ser elaborado por meio de uma efetiva participação social, com representação dos movimentos populares, associações de moradores, entidades profissionais, instituições de pesquisa, ONGs e demais atores sociais dos mais variados territórios cariocas.

O povo de Jacarepaguá não pode ficar alheio ao debate sobre os seus graves problemas de mobilidade, uso do solo, habitação e etc, e principalmente da cidade que queremos.



“Plano Diretor no Rio de Janeiro – uma visão crítica”

O Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR), com o apoio do Fórum Popular do Plano Diretor do Rio de Janeiro, está realizando uma série de encontros, denominada “Plano Diretor no Rio de Janeiro – uma visão crítica”, que visa subsidiar o debate e a elaboração de propostas alternativas, tendo em vista o processo de revisão do Plano Diretor do Rio de Janeiro de 2021.

Assista também aos vídeos dos debates:

- Mobilidade pra Quem?
- Moradia é Direito.
- Saneamento é o Básico.
- Racismo Ambiental e Direito à Cidade.

Para participar, acesse <https://linktr.ee/forum.pdrj>.



Meio Ambiente & Turismo

Carla Scott - Ecologista

Rio das Pedras e o risco constante de desabamento

Rio das Pedras é uma área naturalmente vulnerável. Toda a região abaixo da via principal de acesso, onde a comunidade de Rio das Pedras está situada, é formada por terrenos de brejos de péssima qualidade que, segundo o biólogo Mario Moscatelli, funciona como uma enorme geleia.

Para tornar a área própria para construção, seria necessário um enorme preparo e grandes investimentos. O que não é o caso dos prédios e casas que foram construídos naquela região.

O dono do imóvel que desabou contou que comprou o terreno na década de 1990, quando nele havia apenas um barraco de madeira. A construção foi feita aos poucos, conforme ia conseguindo pagar para que sua família morasse.

No andar térreo do prédio funcionava a lan house do filho Nathan, que faleceu no desabamento com a filha Maitê de apenas 2 anos. Eles moravam no primeiro andar, e foram resgatados sem vida. Kiara, mãe de Maitê, foi resgatada com vida cerca de seis horas depois, e continua internada em estado grave.

Uma semana após a tragédia, outro prédio deu sinais de desabamento, apavorando todos os moradores que tiveram que abandonar suas casas próximas ao local.

Historicamente atraindo moradores vindos do Nordeste,



hoje muitos dos habitantes do Rio das Pedras são migrantes que antes mesmo de chegarem já conheciam um parente ou amigo que moravam na comunidade. E assim a comunidade foi crescendo de forma irregular ao longo dos anos.

Com mais de 55 mil moradores situados numa área de 90 hectares, em constante expansão, o local é dominado há muitos anos pela milícia. Ao passar pela localidade, conseguimos observar o constante acúmulo de lixo nas ruas, os rios no entorno poluídos, pouca ventilação, com muitas construções muito próximas uma das outras e, além disso, quando chove, o alagamento é certo nas ruas e vielas.

Infelizmente a situação na região é gravíssima, e este não será o primeiro nem o último caso de desabamento. A área é uma bomba-relógio.

Seminário Tecendo a Comunicação Popular

O Seminário irá reunir, nos dias 22, 23 e 24 de julho, professores, coletivos e organizações populares, do campo e da cidade, para dialogar sobre o cenário da comunicação popular e comunitária em todo o país.

Faça sua inscrição até 30/06 e participe: <https://nucleopiratininga.wixsite.com/seminariocompop>

24 de julho é Dia da Comunicação Popular no Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa do deputado Eliomar Coelho (PSOL), em homenagem ao saudoso Vito Giannotti do Núcleo Piratininga de Comunicação.

O *Jornal Abaixo-Assinado (JAAJ)* estará presente neste importante debate e reflexão sobre a comunicação popular – um momento para troca de experiências e definir ações conjuntas contra o negacionismo instaurando no país e pela democratização dos meios de comunicação.



Como eu cuido da água que sua família bebe todos os dias

Por Vitor Ambrosioni*

Sou Vitor Ambrosioni, vulgo “Batata”, e ainda criança eu acordava cedo para pescar, tal qual a música “Milagre”, de Dorival Caymmi. Pescava sempre no mesmo local, na lagoa do Guandu. Essa é a lagoa de onde é retirada a água para abastecer a cidade do Rio de Janeiro. Minha vida é a lagoa e a lagoa é minha vida. Poucas vezes saí daqui para ir ao médico ou ao cartório, porém volto com pressa, quase com medo de perder a lagoa.

Até novembro de 2019, tínhamos uma lagoa cheia de peixes, mas a falta de cuidado com os rios que deságuam na lagoa de Quiabal se tornou um imenso problema para sua irmã inseparável, a lagoa do Guandu.

Há quatro rios que desembocam na lagoa de Quiabal, todos superdegradados por diminuição do fluxo de água e por lançamento de resíduos domésticos e industriais, vindos do Polo Industrial de Queimados. A lagoa de Quiabal é funda e recebia toda essa poluição sem problemas, por causa de sua profundidade. Ouvi falar que essa característica da Quiabal era chamada de “resiliência”. O assoreamento de dois desses rios acarretou a mudança de seus cursos, que passaram a desaguar na lagoa do Guandu. Tentamos com empenho, com “resiliência”, fazer uma con-

tenção para que essas águas poluídas não contaminassem a lagoa de onde tirávamos nosso sustento. Reclamamos com a Cedae, com o Comitê de Bacia do Guandu, com o Inea, mas nenhum desses órgãos se importou.

Nos primeiros 60 dias de 2019, apenas nós fomos os prejudicados pela liberação de toda a poluição do Polo Industrial de Queimados. Contudo, em janeiro de 2020, veio a crise da geosmina, a natureza reagiu à poluição produzindo esse composto orgânico.

Como resposta, então, a Cedae, o Comitê de Bacia do Guandu e o Inea resolveram desengavetar uma obra idealizada em 2009. Obra que visa condenar nossas lagoas à poluição, construindo uma barragem, para que essa poluição não “contamine” as águas captadas pela Cedae.

Sempre cuidamos da água das lagoas e alertamos quando a água está tóxica. Até corpos mortos retiramos delas. Sabemos que essa barragem não vai resolver o problema da poluição, pois essa questão só será resolvida quando os poluidores forem punidos.

A água do Guandu vem de São Paulo, e esse estado pode cortar a “torneira” a qualquer momento. É preciso proteger os rios da Baixada para que nos forneçam água nas crises hídricas e não condená-los



Vitor Ambrosioni com neto e, ao lado, Carlos Henrique Eloi da Silva. Ao fundo as Lagoas do Guandu e Quiabal.

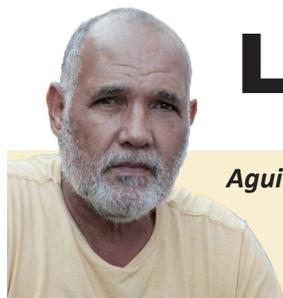
a serem condutores de esgotos industriais.

Meu pai trabalhou em indústrias, mas eu não. Se tivesse emprego nelas para mim eu teria trabalhado? Talvez. O mesmo para todos pescadores. A lagoa é nossa vida, a pesca nossa sobrevivência. Se a pesca foi nossa escolha? Eu não sei, mas garanto que é nossa paixão.

Cinquenta famílias de pescadores e

200 famílias de agricultores vivem dessas águas e precisam que sejam despoluídas. E para essa luta precisamos de você.

***Presidente da Associação dos Pescadores das Lagoas do Guandu e de Quiabal (Pesguandu), em razão dos riscos de sua denúncia está protegido pelo Programa Estadual de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos**



Aguinaldo Martins
Coordenador
do JAAJ Bangu
e Vila Kennedy

Lutar é preciso por habitação popular

O desabamento de prédios na Muzema há dois anos e recentemente no Rio das Pedras nos alerta para alguns problemas em termos de habitação popular.

O primeiro é com relação às construções irregulares em áreas que deveriam ser de preservação do complexo lagunar da baixada de Jacarepaguá. O avanço sobre o bioma constituído de mangue e o lançamento de esgoto *in natura* nas lagoas e a extinção das artérias de água provenientes de nascentes no maciço da Tijuca prejudicam de forma mais grave a renovação e acelera a degradação do ecossistema.

Um segundo ponto é quanto à segurança das construções em áreas de ocupações. Esta questão se relaciona profun-



Cooperativa Esperança na Colônia - Casa popular construída em mutirão e com recurso da Caixa

damente com a falta de política pública séria de habitação popular no país, que se concentra em construção de conjun-

tos habitacionais em locais distantes e sem infraestrutura de saúde, educação e transporte. Com construções de baixa

qualidade que coloca os moradores em constante risco de vida e sujeitos à ação do crime organizado.

Sugestões de urbanização de favelas nunca foram levadas a sério e, neste contexto, acredito que voltar a regularização da posse da terra aos níveis da época de Leonel Brizola, com um programa de financiamento de habitação popular nas comunidades do Rio de Janeiro, proporcionando condições de o próprio morador construir sua casa sem intermediação de construtoras, barateando o custo e gerando renda para profissionais locais, técnicos, engenheiros e arquitetos, que por exigência do financiamento elaborariam projetos e acompanhariam as obras, é impossível.

Projetos-piloto poderiam ser executados, com a implantação de uma infraestrutura que fosse possível tornar realidade o que eu denomino de SMART FAVELA.

Junho: o Mês do Orgulho LGBTQIA+

Junho é mundialmente conhecido como o Mês do Orgulho LGBTQIA+, por conta da Revolta de Stonewall, quando frequentadores do bar Stonewall reagiram após as frequentes batidas policiais que os obrigavam a agir e a se vestir de acordo com a heteronormia dos anos 1960.

A professora Anna Karolina, colunista do **Jornal Abaixo-Assinado**, conversou com o jovem Ramon, 28 anos, que é uma pessoa não binária (atende por todos os pronomes) e pansexual, sobre os problemas e os desafios para as pessoas LGBTQIA+ neste mês de luta em todo o país. Ele é morador do bairro do Jacaré, e trabalha com fotografia, design e ilustração.

JAAJ: Qual a importância do mês do Orgulho LGBTQIA+ para você? Como você acha que as manifestações, mesmo que virtuais, voltadas para este tema contribuem para a sociedade como um todo?

Ramon: O Mês do Orgulho LGBTQIA+ é um momento para lembrar e celebrar aqueles que vieram primeiro e lutaram para que tivéssemos os direitos que temos hoje. Só podemos celebrar e continuar lutando graças a eles/elas/elus. Manifestações são uma forma de nos escutarem, é um modo importante de dar voz a uma causa e mostrar que não calaremos perante um sistema atual extremamente LGBTfóbico.

JAAJ: Como você enxerga o mercado de trabalho para pessoas LGBTQIA+?

Ramon: Enxergo de muitas formas diferentes porque, dependendo de onde a pessoa LGBTQIA+ se encaixa na sigla, ela terá mais ou menos dificuldades. Qual a dificuldade em ser um gay branco não afeminado conseguir emprego? E qual a dificuldade de uma travesti preta de conseguir o emprego?

Essa questão ainda é cer-



Foto por Ramon na parada LGBTQIA+ em 2019

cada de muita desigualdade e preconceito, pois, apesar de grande avanço em relação a 10 ou 20 anos atrás, ele não ocorreu de forma igualitária.

JAAJ: Qual a importância de se perguntar ou de deixar expostos no perfil os pronomes? E a linguagem neutra? Como e quando deve ser utilizada?

Ramon: É importante, pois colocar os pronomes no perfil indica como a pessoa prefere ser tratada, e também que está disposta a tratar outras pessoas fazendo uso dos devidos pronomes. Vejo muito respeito mútuo nisso. A linguagem neutra é uma neolinguagem que pode ser usada para designar todas as pessoas, ela abraça todos os gêneros. Alguns indivíduos preferem ser tratados apenas na linguagem neutra, pois não se encaixam exclusivamente em um gênero específico. Mais uma vez estamos falando de respeito ao usarmos a linguagem neutra. E é importante destacar que ela ainda está em evolução, como a língua portuguesa sempre esteve.

JAAJ: Quais são os principais desafios de ser LGBTQIA+ em um país, como o Brasil, que apresenta uma escalada crescente do conservadorismo?

Ramon: Acredito que não se esconda, mostrar quem é ou se permitir descobrir a própria identidade em um lugar como o Brasil já é um desafio e um ato de resistência. É preciso lembrar que esse é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ (com ênfase em pessoas trans) no mundo e, ao mesmo tempo, é o que mais consome pornografia trans. Isso não é uma coincidência. Ressalto que não há muitos desafios, porém, como disse anteriormente, o surgimento de menos ou mais desafios dependerá de como as pessoas se encaixam na sigla LGBTQIA+.

Mulher brasileira em luta

Valéria Barbosa, escritora, coordenadora do Sarau da Favela e moradora de Jacarepaguá, faz uma profunda reflexão sobre o papel da mulher na sociedade brasileira através de um texto provocador, recheado de inquietações sobre o poder e a força da mulher brasileira.

Valéria faz algumas afirmações e indagações, tais como:

“A mulher é vítima de como foi educada e da sua própria forma de educar os seus filhos. Ela foi educada para ser perfeita.”

“Os motivos para que ocorra uma separação na vida de um casal são variados, porém se há neste relacionamento filhos para quem cabe a guarda de toda a responsabilidade emergida da relação?”



Valéria Barbosa

“É lindo ser mãe. Sonho de tantos, mas, o trabalho de todo esta “opção” fica com maior responsabilidade para a mulher.”

“E provoço! Quem não pensou sobre a responsabilidade?”

“O homem estava junto, ou não? A decisão só foi só da mulher?”

Leia o texto completo no Facebook e Blog do JAAJ. Queremos saber sua opinião! Envie seus comentários para o WhatsApp (21) 97143-4821.

Na íntegra o texto inédito da Valéria Barbosa no Blog e Facebook do Jornal Abaixo-Assinado

<http://jaajrj.com.br/>

<https://www.facebook.com/jaajrj/>

Existe Cultura em Jacarepaguá

Arte, dança, poesia e música.

Dia 26/06 (sábado), às 19h, o Jornal Abaixo Assinado promove o seu Sarau, com artistas de Jacarepaguá.

Onde? No Facebook do Jornal Abaixo-Assinado (JAAJ)

Contamos com a presença de todos 😊

📧 Viralize essa mensagem para darmos visibilidade aos artistas locais

Nosso Facebook:

<https://www.facebook.com/jaajrj/>

SARAU DO JORNAL ABAIXO ASSINADO

ARTISTAS LOCAIS
POESIA
MÚSICA
ARTE

APRESENTAÇÃO:
CÍNTIA TRAVASSOS e ANNA KAROLINA

26/06 | 19H
no Facebook do JAAJ

JAAJ

21 97143-4821

O Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens agora conta com um canal direto com você! Adicione o nosso número e nos mande um alô para receber nossas mensagens.

Além disso, você pode enviar fotos, sugestões, denúncias e ocorrências para o nosso Jornal!

Nosso novo número: **21 97143-4821**

Jornal Abaixo-Assinado
cada vez mais perto de você!





Vanessa Guida é a mais nova colunista e integrante da equipe do **Jornal Abaixo-Assinado**. Nascida e criada em Jacarepaguá, mãe e artista visual. Bacharela em gravura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, atualmente faz mestrado em História e Crítica da Arte pela mesma instituição. Pesquisa o protagonismo e as narrativas femininas. É integrante de um grupo de artistas gravadoras chamado Matriz Coletiva.

Núcleos, coletivos e espaços de cultura em Jacarepaguá

Para quem acha que Jacarepaguá não produz interação cultural ativa, conheçam algumas redes de difusão de arte e cultura na nossa região, fica a dica do **Jornal Abaixo-Assinado**.

Casa de Cultura de Jacarepaguá

Situada no coração da Taquara, é um local que reúne uma enorme diversidade de artistas e de linguagens artísticas do bairro. Conta com um belíssimo espaço, onde o público pode visitar a exposição permanente sobre a memória de Jacarepaguá, conhecer o bistrô ou fazer uma oficina. O local também abriga a Casa do Artesão.

Mais informações no site:

<https://casadeculturajpa.com.br/>.

Cine Taquara

Cineclube a céu aberto, composto por uma jovem e muito antenada equipe, carinhosamente chamada de Família Cine Taquara. Situado na Taquara, atua nas mais diferentes frentes culturais, desde oficinas de grafite, rodas de conversa e oficinas de yoga. Todas as atividades oferecidas pelo cineclube são inteiramente grátis e colaborativas.

Saiba mais sobre as atividades do Cineclube:

<https://www.instagram.com/cinetaquara/?hl=pt-br>.

Brincantes da Pedra Branca

É um grupo de estudo e pesquisa da cultura popular brasileira, que completou recentemente cinco anos. Situado em Vargem Grande, oferece oficinas de dança e de histó-

rias sobre o coco, jongo e demais expressões populares brasileiras.

Saiba mais sobre a agenda de eventos e oficinas:

<https://www.instagram.com/brinc/antespedrabranca>

Visíveis JPA

Se você é artista e reside em Jacarepaguá, acompanhe esse movimento de arte, visibilidade e diversidade, que está acontecendo em Jacarepaguá para o mundo!

O grupo Visíveis JPA está com edital aberto para seleção de artistas para exposição até dia 21 de junho de 2021. É preciso acompanhar para saber se o prazo de seleção será prorrogado.

Veja todas as informações em:

https://www.instagram.com/visiveis_jpa/.

CDDSKATEARTE

O Projeto de Skate/Arte atua na Cidade de Deus. Oferece aulas e oficinas de skate, e está sempre procurando voluntários e colaboradores. E atualmente está mais colorido, com aulas de artes, trabalhando a liberdade de expressão. O Projeto também está auxiliando as famílias da localidade, durante a pandemia.

Saiba como contribuir em:

<https://www.instagram.com/cddskateart/>.



Foto: Vanessa Guida

A escultura que representa a Deusa das Artes. Foi retirada em 1988 da Praça das Nações e transferida para o depósito da Prefeitura da época. Em 1994 foi instalada para embelezar o Bosque da Freguesia

Endereços eletrônicos dos Núcleos, Coletivos e Pontos de Cultura em Jacarepaguá

<https://casadeculturajpa.com.br/>

<https://www.instagram.com/cinetaquara/>

https://www.instagram.com/visiveis_jpa/

<https://www.instagram.com/brincantespedrabranca/>

<https://www.instagram.com/cddskateart/>



Eterna Aprendiz

Cláudia Scott

Publicitária

Instagram: @claudia_scott1

Um mês antes eu voava (veja a foto).

Ela já estava acamada e velhinha, mas sempre rezava por mim quando sabia que eu ia voar. Dessa vez eu não estava sozinha e olhava pela janela do avião procurando enxergar o relevo lá embaixo. No entanto, as nuvens baixas atrapalhavam. Eis então que minha filha, com 4 aninhos fala bem alto: "Olha que lindo mãe! É um tapete de nuvens lá embaixo!".

Dizem que Deus e os anjos falam através das crianças e, como num passe de mágica, as nuvens (que antes me atrapalhavam ver as paisagens lá embaixo) passaram a ser a coisa mais linda daquele voo. Eu dei um beijo em minha filha e ficamos coladinhas, cabeça com cabeça, olhando juntas para toda aquela beleza da janela do avião.

Um mês depois eu voava.

Dessa vez voltava sozinha de uma dessas viagens a trabalho na ponte aérea Rio-São Paulo. Ela já não estava mais aqui.

Saí de São Paulo em uma tarde meio nublada, cinza, nebulosa. Na subida, entre as nuvens, lembrei que, se ela ainda estivesse aqui teria rezado por mim. Fechei os olhos e, mesmo chacoalhando bastante em meio a turbulências, senti uma paz infinita dentro de mim. Então, eis que o Sol do fim de tarde

Tapete de Nuvens

bateu bem no meio do meu rosto.

Depois de passar pela barreira de nuvens cinza, o avião chegou lá no alto. Ao abrir os olhos observei a imensidão daquelas nuvens, que daquela altura, banhadas pela luz do fim da tarde, já ganhavam tons de dourado.

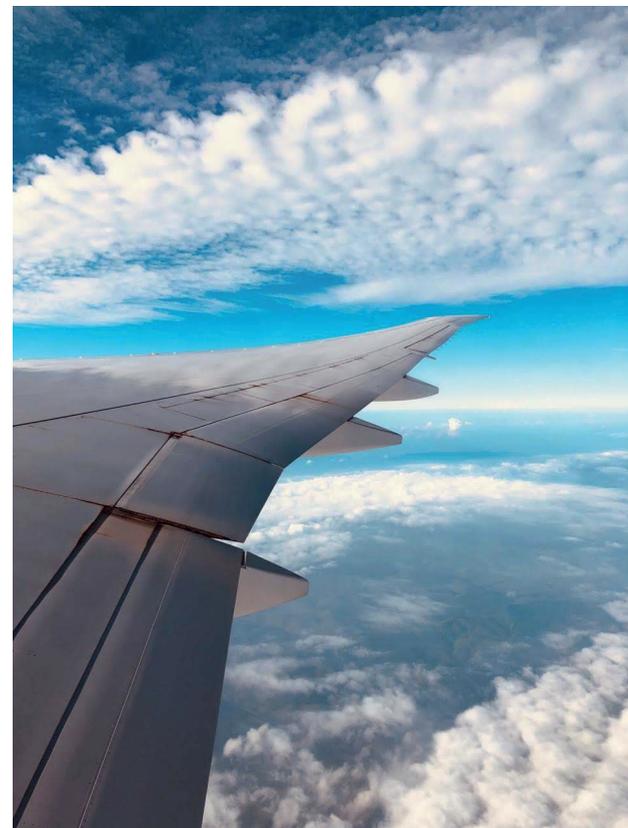
Naquele momento sorri lembrando que minha filha adoraria ver aquele imenso tapete de nuvens dourado. Pensei: "Quando chegar em casa vou mostrar essa foto pra ela." No entanto, foi nesse mesmo momento que senti a presença daquela que sempre rezou por mim: minha avó. Não mais acamada, mas sim sorrindo e caminhando, suavemente, sobre aquele lindo tapete de nuvens dourado.

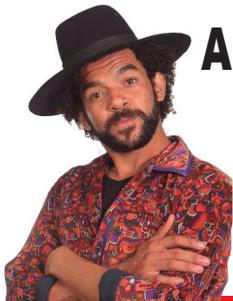
Um mês antes. Um mês depois. O tempo realmente prega peças na gente e permitiu que, num mesmo instante, eu pudesse sorrir (ao lembrar de palavras da minha filha) e chorar (ao sentir saudades da minha avó).

Num mesmo instante no tempo eu reverenciava de onde eu vim (ao lembrar da minha avó) e vibrava vida (ao pensar no sorriso da minha filha que me espera em casa).

O comandante anuncia: "Tripulação preparar para aterrissar." Eu olho mais uma vez para o tapete de nuvens (antes que o avião mergulhasse nele) e me despeço dela. Agradecendo por todas as orações e rezas e por tudo o que ela fez por mim.

Ao chegar em casa minha filha abriu um sorriso e logo perguntou: "Mãe, teve tapete de nuvens?" Eu sorri, dei um longo abraço nela e respondi que sim.





André Barreto é locutor, radialista, compositor, cantor, poeta e um apaixonado por Jacarepaguá

Nélio Fernando
Ator

Decidi realizar uma entrevista com o André Barreto que é puro talento artístico para apresentá-lo à nova geração de moradores da Baixada de Jacarepaguá. O encontro foi marcado num sábado, com um sol para cada um, no tradicional Bar dos Amigos, na Comunidade do Tangará, um recanto na Cidade de Deus. Cheguei ansioso, com meia hora de atraso, e deparei-me com André Barreto e nosso amigo Waldoberto de Albuquerque Alves — o Beto, conhecido como Seu Collon, que é o dono do bar — bebendo uma cerveja, num animado papo, porque há muitos anos não se viam, apenas trocavam figurinhas por telefone. Após os cumprimentos, Seu Collon organizou mesa e cadeiras no interior do bar, cercado de belas plantas cultivadas pela senhora Maria do Carmo (Dona Nina, esposa de Seu Collon).

Conforme previsto, iniciei a conversa para escrever essa matéria para o **Jornal Abaixo-Assinado** sobre a trajetória da vida artística de André Barreto.

André Barreto é pai de Lucas, 20 anos, Luan, 14 anos, e Agatha de 8 anos. Nasceu no Pará, estado do Norte brasileiro, e se mudou com seus pais ainda bebê para o bairro de Anchieta. Falar sobre André, hoje morador de Jacarepaguá, é rememorar, dar luz e reafirmar uma importante parte da identidade cultural da região, bem como traduzir a área da Zona Oeste, sem desprezar sua importância para com toda a cidade maravilhosa.

André Barreto viaja no tempo e se empolga ao citar o Grupo Nascente, de Gilson de Barros e Adailton Medeiros, na Cidade das Artes de Anchieta, que foi a quinta Lona Cultural (Carlos Zéfiro), tendo como padrinhos Juca Kifouri e Marisa Monte. Fala com entusiasmo da “Poesia no vagão”, com Alexandre de Cantos. Extremamente empolgado, Barreto me diz que foi transformado em personagem no livro *O espelho de Narcisópolis na era da self*, do autor Adailton Medeiros. Sua memória viaja, e ele relembra da Politeama, no Recreio dos Bandeirantes, onde jogou bola com notáveis artistas no campo de futebol de Chico Buarque, e recorda que se sentou na mesma cadeira que Vinicius de Moraes em meados de 2013.



André Barreto um artista talentoso de Jacarepaguá

Como locutor, André teve passagem marcante na Rádio Comunitária Virtude FM, onde o seu programa *Fale com a virtude*, em Anchieta, no fim dos anos 1990, era ouvido por milhares de pessoas. Em meados de 2002, seu programa *Bom dia Jacarepaguá*, na Rádio Nova Sintonia FM, fazia entrevistas, prestação de serviços e atendia ligações de moradores, se tornando um ícone. O ritmo musical do forró, que mais tocava na rádio, passou a ser exclusividade, que identificava o comportamento de um povo, uma região que acolheu nordestinos que aqui cria seus filhos. Vem daí a amizade com “Seu Collon”, que possuía um bar na rua Agostinho Monteiro, onde amantes do forró se aglomeravam para ouvir e dançar. Era um ponto de encontro e difusão da cultura

nordestina (ponto de alento). Com o tempo e as mudanças inevitáveis do trem da vida, as rádios comunitárias perderam força, e Barreto, passando por grandes mudanças, não perdeu a esperança e, em 2016, ocupou o cargo de secretário do Grupo de Teatro Popular de Jacarepaguá (GTPJ), trabalhando com Flávio Alves e Carla Alves. Infelizmente, o coletivo não obteve sucesso, contudo a experiência foi riquíssima. André Barreto me contou que se apaixonou por Jacarepaguá e suas histórias, e passou a divulgar a obra de Vadinho (Valdemar Costa), que era jornalista, fotógrafo, historiador e romancista, falecido em 2020, deixando uma vasta e preciosa obra sobre a região, seus costumes, valores, perdas e conquistas. Hoje, André Barreto trabalha no Grupo São Jorge Autopeças, na praça Jaurú, como recepcionista e divulgador, recebendo os clientes com seu carisma, vozeirão e elegância. O poeta e compositor vive em André Barreto. É autor de mais de 300 composições, cantando e apresentando o que de melhor a arte pode oferecer. PERFIL: Múltiplo personagem; Um carrossel de emoções; Não espera e faz; Devolve o que recebe de bom grado. Enfim, termino o meu bate-papo com André Barreto ao som do violão de Seu Collon, tocando Djavan. André Barreto toca e canta “Sexo verbal”, do eterno Renato Russo, e logo vem com sua música autoral sobre a realidade da vida do artista no mundo de hoje.



Cíntia Travassos
Produtora

Taís Sales de Moraes é do Coletivo Conexões Periféricas-RP

Taís Sales de Moraes tem 26 anos, e foi criada na comunidade da Tijuquinha. Formada em Vídeo pela Oi Kabum Rio Escola de Arte e Tecnologia, fez curso técnico de operador de câmera no Senai e curso de cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Participou, em 2020, do programa *Cidadão digital* pela Safernet, em parceria com o Facebook.

A trajetória de Taís Moraes é cunhada na cultura, no seu encanto pelo domínio das técnicas dos programas digitais, na construção de projetos sociais e na participação de projetos para exposições, filmes, curtas-metragens. Ela usa sua magia e conhecimento intelectual para criar e testar atividades em laboratório digital, com a fotografia e a produção e edição de filmes e vídeos.

A jovem e dinâmica Taís Moraes faz parte do “Conexões Periféricas – RP”, situado na comunidade Rio das Pedras, um coletivo com ações voltadas à educação e à cultura. Ela contribui neste coletivo ministrando aulas nas oficinas de foto e audiovisual aos jovens da comunidade.

Taís Moraes vem cada vez mais estudando e se especializando no domínio de programas como Adobe Premiere, e em programas similares como Da Vinci Resolve, Illustrator, Adobe Photoshop, entre outros. Além das aulas de edição de vídeo e fotografia, atualmente desenvolve desenho, técnicas de digitalização, vetorização e colagens digitais. Ela quer colocar seu saber à disposição da luta por melhores condições de vida e a favor da educação e da cultura.

Com a chegada da pandemia, a relação



Taís dando aula de foto e audiovisual aos jovens da comunidade no Projeto Conexões Periféricas



Taís cria da Tijuquinha sonha em levar seus conhecimentos digitais aos jovens da periferia.

com a cidade, que era muito intensa, diminuiu bastante, particularmente para Taís Moraes, no que diz respeito a sua interação e criação. Ela precisou voltar sua energia aos estudos e para e construir novas saídas, partindo do seu próprio companheiro de caminhada, o computador, uma ferramenta potente que a ajudou a encontrar alternativas para esse momento. E isso a fez entender que são períodos de grande oscilação que exigem mais técnica, que precisam de profissionais mais capacitados. O que a fez perceber o impacto que a falta de estrutura de tecnologia acarreta para melhores desempenhos. Taís Sales de Moraes sonha em construir uma estrutura escolar de arte-educação digital, modelo de educação direcionado às periferias.

Uma nova chargista no JAAJ

Danielle James escreveu para o *Jornal Abaixo-Assinado* dizendo que “gostaria de participar do jornal com a minha personagem de quadrinhos, Magda, que faz críticas à maneira a qual o governo está lidando com a situação brasileira. Seguem aqui três tiras dela, espero que gostem!”. Danielle adoramos e seja bem-vinda!



Os carvoeiros do Maciço da Pedra Branca

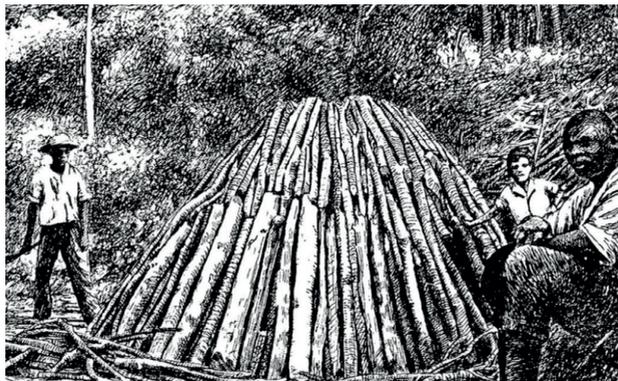


Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa
Texto & foto

O uso do carvão vegetal, resultado da combustão da madeira, possibilitou diversas vantagens para o ser humano: aquecer-se do frio, cozinhar alimentos, espantar animais selvagens e fundir metais. O fabrico do carvão foi fundamental para a sobrevivência de várias sociedades e também representou uma atividade econômica viável para milhares de ex-escravos que viviam no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. Eles ficaram conhecidos como “carvoeiros”.

Lamentavelmente, embora tenham exercido uma atividade tão significativa no contexto socioeconômico da nossa cidade, os carvoeiros foram esquecidos e passaram por um longo período de invisibilidade social. Resgatar essa História tem sido uma missão para o pesquisador Rogério Ribeiro de Oliveira, professor do Departamento de Geografia da PUC-Rio. Oliveira já catalogou cerca de 1.280 carvoarias feitas nos maciços da Pedra Branca e da Tijuca. O carvão tinha um papel fundamental como insumo energético na sociedade do Rio de Janeiro do século XIX. Era usado nas indústrias têxteis e vidreiras, no abasteci-



Carvoaria no Maciço da Pedra Branca.
Ilustração em bico de pena de Magalhães Corrêa (1933)

mento de locomotivas e na fabricação de enxadas, foices, machados, ferraduras, dobradiças, ponteiros e talhadeiras. Podemos afirmar, sem nenhum exagero, que a matriz energética da cidade nessa época era o carvão vegetal.

A região do Maciço da Pedra Branca teve, entre 1870 e 1920, a maior concentração de carvoeiros da cidade do Rio de Janeiro. O naturalista Armando Magalhães Corrêa (1889-1944) apresentou esses personagens nos seus desenhos a bico-de-pena feitos no livro “O Sertão Carioca”, obra que retratou a Baixada de Jacarepaguá através de

uma série de artigos publicados no jornal carioca “O Correo da Manhã”.

A Lei Imperial n.º 3.353, popularmente conhecida como Lei Áurea, extinguiu oficialmente a escravidão no Brasil e gerou uma massa de desempregados pobres com pouca qualificação profissional. Essa população viu na fabricação do carvão vegetal uma fonte de sobrevivência. Muitos desses carvoeiros também eram quilombolas que vivam na região. No século XVIII, a Baixada de Jacarepaguá era conhecida como “Planície dos Onze Engenhos”, com numerosos indivíduos cativos trabalhando nessas unidades produtivas. Atualmente, o Parque Estadual da Pedra Branca possui duas comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares: a do Camorim e a Cafundá Astrogilda.

Hoje, praticamente não existem mais vestígios dessas antigas carvoarias, já que as áreas onde elas estavam se transformaram em Unidades de Conservação e foram retomadas pela Mata Atlântica, que voltou graças à eficiente sucessão ecológica ocorrida após o desmatamento. Os carvoeiros tiveram um ínfimo retorno econômico, enquanto muitos lucraram com o trabalho deles. Resgatar essas memórias é fundamental para a (re)construção dessas identidades locais.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Texto de Renato Dória
Professor e Pesquisador

Pixinguinha e o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, em Jacarepaguá!

Nas fotos vemos Meira e Dino (violão), Canhoto (cavaquinho), Gilson de Freitas (pandeiro), Pixinguinha (saxofone), Benedicto Lacerda (flauta) e Luiz Gonzaga (sanfona). Em movimento, vemos Luiz Gonzaga ao centro, tocando sua sanfona ao lado de Benedicto Lacerda e sua flauta. A imagem mostra o entusiasmo de Benedicto diante do Rei do Baião, enquanto este ouve atentamente as notas suaves que ecoam da flauta. Ladeando Luiz Gonzaga e Benedicto Lacerda vemos Pixinguinha no sax e Canhoto no cavaquinho (à esquerda), Dino no violão (de costas) e Gilson de Freitas no pandeiro (na retaguarda). Um detalhe curioso da foto é a presença de um cinegrafista registrando o evento. Ele aparece em pé em destaque, numa altura acima dos convidados.

Os músicos posam e tocam em um almoço festivo em comemoração ao aniversário do jurista Eduardo Espínola, realizado em Jacarepaguá em novembro de 1947. O baiano Eduardo Espínola foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal em 1931, onde ocupou os cargos

de vice-presidente (1937) e presidente (1940) durante os governos ditatoriais de Getúlio Vargas.

Pixinguinha foi morador e frequentador da região de Jacarepaguá em vários momentos de sua vida. Por volta dos seus onze anos de idade, ainda na infância, começou a tocar em festa e bailes, onde comparecia levando flauta e cavaquinho. Foi em uma reunião musical em Jacarepaguá que o menino prodígio Pixinguinha passou a ser reconhecido como músico. Na ocasião o pequeno gênio negro tocou a polca “língua de preto”, de autoria de Honorino Lopes, durante meia hora sem errar, causando espanto na plateia.

Na festa de aniversário do jurista Eduardo Espínola, em 11 de novembro de 1947, já havia um mês da estreia do programa de rádio “O pessoal da velha guarda”, em que Pixinguinha tocava com Benedicto de Lacerda (flauta), Dino (violão de sete cordas), Meira (violão de seis cordas), Canhoto (cavaquinho), Gilson (pandeiro) e Pedro da Conceição (percussão).

Quatro anos antes de morrer, em 1969, Pixinguinha se mudou com sua esposa Betty para uma casa de vila no bairro da Praça Seca, na rua Pedro Teles número 423. Esta foi, provavelmente, a última passagem de Pixinguinha em vida pela região de Jacarepaguá.

Já Luiz Gonzaga contava apenas 35 anos em 1947 e lançara havia pouco tempo mais uma música de sucesso: Asa Branca. Desde 1939 o futuro Rei do Baião já fazia sucesso na cidade do Rio de Janeiro, onde conquistou o primeiro lugar no concurso de calouros do programa de rádio comandado por Ary Barroso.

Em 1941 gravou um dos seus primeiros sucessos como solista, a música Vira e mexe. Dois anos depois Luiz Gonzaga faz uma apresentação na Rádio Nacional apresentando um figurino que seria a sua marca dali em diante: a roupa de vaqueiro nordestino.

Fonte: Pixinguinha: vida e obra, de Sérgio Cabral; Pixinguinha: filho de Ogum bexiguento, de Marília Trindade Barboza e Arthur de Oliveira Filho.



Fotos: Arquivo Nacional, Fundo Agência Nacional.
Créditos: Barão do Pandeiro e Rafael Mattoso.

